



SALAZAR, O TRAIADOR

quere festejar o duplo centenário da fundação e da independência de Portugal

O inimigo público n.º 1 de Portugal, acaba de fazer publicar nos jornais uma nota oficiosa, com um projecto de programa de festejos que quere fazer em 1940, para comemorar o 8.º centenário da fundação de Portugal, da sua separação da monarquia leonesa, e o 3.º centenário da revolução de 1640.

A demagogia patriótica foi sempre uma característica dos traidores à Pátria mas, apesar disso, qual será a verdadeira essência do seu projecto?

Estará ele arrependido da política de traição que tem realizado e, vendo o exemplo de Schuschnigg na Austria, quere, como aquele, voltar atrás?

Há poucos dias, appareceu um livro à venda nas livrarias, que logo foi apreendido. Não se tratava de nenhum livro *vermelho*, como pode parecer à primeira vista, mas sim um livro *nacionalista* espanhol, cuja capa era o mapa da Península Ibérica, em que Portugal já não existia, tendo uma águia de asas abertas a encimá-lo. Serão todas estas provas do destino que elle nos preparou, que o terão assustado?

Quere provocar, com esses arrepios patrióticos, a irritação dos seus socios espanhóis, para que eles façam a invasão de Portugal mais depressa?

Estas comemorações históricas convidam-nos sempre a folhear uma história. E, se folhearmos a História de Portugal de Oliveira Martins, encontramos lá os seguintes períodos: *Quasi oem 1635 mandaram para Lisboa a Duquesa de Mantua, puseram-lhe ao lado como secretario, MIGUEL DE VASCONCELOS CHEIO DE ÓDIOS PESSOAIS CONTRA A PATRIA, VULGAR, TEMERARIO e bebado.*

Desde logo começou a pôr-se em prática a política de pilhagem, lançando-se novos impostos, aumentando-se os anteriores; e as somas tiradas de Portugal iam perdendo-se no sordidoiro de Madrid, sem utilidade para o reino; ficando ao abandono as colónias da India e da America, de que os holandeses e ingleses iam livremente tomando posse.

Se substituirmos uma ou outra palavra e trocarmos os termos *holandeses e ingleses* por *alemães*, temos aqui reflectido como num espelho, a nossa triste situação actual. Até nem lhe falta o termo *traiçoeiro* com que elle começou um dos seus últimos discursos: *... não exaltemo!*

A traição deste despota não precisa de demonstração, tão clara ella é. Mas não é só na ameaça da perda da nossa independência, não é só na entrega de territórios nacionais a nações estrangeiras que se manifesta a traição. Mussolini é um traidor à Pátria italiana, apesar de todas as conquistas territoriais. A traição manifesta-se nas perseguições e na miséria em que lança todo o povo. E essa é demonstrada pelos próprios documentos officiais do fascismo italiano.

Num anuário de Estatística, publicado pelo Governo de Mussolini, encontramos que, enquanto o custo de vida aumenta sem cessar em Italia, os salários des-

cem assustadoramente. E é esse mesmo anuário que nos diz que na U.R.S.S. no mesmo espaço de tempo os salários têm aumentado.

Comparemo-los:

Na Italia	Na U.R.S.S.
1929. 100 100
1930. 96 107
1931. 84 125
1932. 77 150
1933. 75 164
1934. 73 191
1935. 73 240

Ora em Portugal, a situação é semelhante à italiana. O custo de vida e o desemprego aumentam constantemente, enquanto os salários desceem. Esta é a primei-

ra fase da traição nacional. Por isso podemos afirmar que no Estado socialista se faz política de defesa nacional, de protecção ao povo, e nos estados fascistas uma política de traição.

A segunda fase da traição nacional é aquella em que Salazar entrou: entrega de territórios nacionais ao estrangeiro, que, no nosso caso, está duramente demonstrado com a entrega de Angola aos alemães.

A terceira fase é aquella em que vamos entrar: a perda pura e simples da independência nacional, o desaparecimento no mapa do mundo, duma nação que tem oito séculos de existência.

Mas o povo português não consentirá que se complete a obra do novo Miguel de Vasconcelos. O povo português saberá agir como agiu há três séculos.

E já que se trata de comemorações, de centenários, temos que lembrar aos traidores que antes de 1940 se passa outro centenário, e este, sim, o povo português pode festejá-lo no ano que corre de 1938.

É o terceiro centenário da revolta de Évora, conhecida na História pela «Revolução do Manuelinho». Foi uma revolta popular que acendendo-se em Évora, correu todo o país, e que teve o seu fim no 1.º de Dezembro de 1640.

Em 1638 o povo português gritou ao Miguel de Vasconcelos: **Não podemos pagar mais impostos, não agüentamos a miséria em que vivemos, não consentimos que territórios portugueses passem para as mãos de estranhos!**

Estamos fartos de sermos roubados e torturados! Queremos pão, paz e liberdade!

É preciso que o povo português em 1938 se una como se uniu em 1638 e expulse os vendilhões da pátria.

Nesse ano também, a aristocracia castelhana estava a braços com a revolta da heroica Catalunha, que lutava encarniçadamente pela sua independência. Foi a revolução catalã que permitiu que há três séculos nos conquistássemos a nossa independência.

A semelhança das situações é flagrante.

Povo português: **Unamo-nos todos numa ampla Frente Popular para derrubarmos o fascismo!**

NO "INDEX"

Chegou-nos há dias às mãos a ordem de serviço datada de 21 do mês passado a qual, anulando as anteriores, foi enviada à policia, aos correios, à alfândega, etc., com a relação dos livros, jornais e revistas cuja leitura é interdita em Portugal.

Na impossibilidade de a transcrevermos na íntegra, devido à sua enorme extensão, fizemos-lhe uma rápida análise para transmitir-mos aos nossos leitores um resumo das afadigasas lucubrações literatúreas em que se consome a douda comissão de censura.

Verificamos que o amor, a eugénia e a questão sexual contendem singularmente com a sensibilidade dos doutos censores.

Todo o livro cujo titulo ostente as palavras amor, casamento, sexualismo e quejandos, foram impiedosamente relegados para o *index*, desde as obras superficiais de Alfred Galis até aos profundos trabalhos de Hildegart; desde os volumes educativos de Jaime Brazil, aos trabalhos scientificos do Dr. Egas Moniz.

A literatura soviética e a da Espanha republicana foram alvo de uma especial predilecção: Ostrovski, Ehrenbourg, Ilinc, Kolontai, Ramon Sender, Giminez Assua e tantos outros, têm o seu nome glorioso inscrito no *index* salazarista.

Quási desnecessário será dizer que a moderna geração literária franceza e doutros países, gosa de idêntica excomunhão: eis alguns nomes que figuram no ignominioso documento: Barbusse, Malraux, Jean Richard Bloch, Victor Marguerite, Guido de Verona, etc..

Detenhamo-nos, porém, na apreciação dos livros portugueses excomungados por facciosismo político. Algumas amostras: *Maria Adelaide*, de Teixeira Gomes; *O Ditador da Violência*, de Carvalho Duarte; *Clarão Vermelho*, de Rodrigues dos Santos; *Justiça*, do Chefe dos Nacionais Sindicalistas, Rolão Preto; etc.. A maior parte destes livros ou dignos censores apenas os conhecem de lombada, porque só na lombada (no titulo) elles podem ser subversivos.

A maior parte não se compreende por que foram relegados, tal é o caso dos livros: *O Jogo da Cebra Cega*, de José Régio; *Regresso*, de José de Freitas; *O Carnaval da Morte*, de Alberto Negrão; *Trepal*, de Marinha da Silveira; etc., etc., assim como a obra do grande intellectual fascista Alfredo Pimenta, *Vimaranis Monumenta*. Inexplicável, porém, é a interdição do livro *O Horário de Trabalho nos Estabelecimentos Comerciais e Industriais*, de João Paulo Freire.

Aos jornais portugueses publicados do estrangeiro também não é permitida a entrada em Portugal, tal é o receio que Salazar tem que o povo português saiba por intermédio deles, as verdades que a ditadura oculta.

Para terminar, citaremos, ainda, a proibição do *Almanaque Hachette 1938*, as revistas *Boxeo*, *Paris Magazine*, *Detective*, etc. e toda a literatura esperantista.

Onde chega o amor do fascismo pela cultura!

Legionários Portugueses...

Os empregados do «Diário da Manhã» resolveram reunir-se num almoço de confraternização, para solenizarem a fundação de tão valoroso Diário. Procuraram, para tal, uma sala onde possa realizar-se tal comemoração. Dirigiram-se à «Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho», com sede em Lisboa, e a Victor Cordeiro, L. T.º, mas esta agremiação recusou terminantemente a utilização das suas salas e explicou a razão:

Ha tempo cedeu a sua instalação para um almoço de Legionários que ali se reuniram em acto grande. Porém, roubaram garfos, colheres, e outros objectos e estragaram a mobília.

Após estes actos de civismo e honestidade praticados pelos agentes da «ordem contra a desordem» a F.N.A.T. resolveu não ceder a mais ninguém a sua sede.

O Ditador da Câmara Municipal

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, o engenheiro Duarte Pacheco, é o senhor omnipotente, fazendo tudo o que lhe apetece. Ninguém lhe vai à mão. Os seus caprichos são ordens, a que se tem de obedecer cegamente.

Aspirando à «imortalidade» com estatua equestre, quer deixar obra que se veja. Para isso não olha a interesses, a não ser os da sua vaidade.

Pensou que a maior obra que poderia realizar seria a da arborização da Serra de Monsanto. E como tem pressa — e lá calcula a vida que terá, o fascismo em Portugal — conseguiu, no principio da primavera, a mandar abrir covas para árvores que serão plantadas no fim de Outubro!

Os operários empregados nesse trabalho ganham de empreitada, que foi a melhor maneira que esse explorador achou de os roubar, não chegando muitos deles a fazer mais de 5000 por dia.

Mas o seu despotismo não para aí. A serra estava lavrada e semeada, mas Duarte Pacheco não se importou com isso. Entrou com as suas brigadas por ali dentro, estragou as cearas, para realizar um trabalho que podia muito bem ser feito depois das ceifas.

E enquanto o Ministério da Agricultura informa que este ano a produção de trigo, não chega para abastecer mais de dois terços do País, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa destrói cearas, apenas para fazer demagogia!

Ceareiros da serra de Monsanto exigiu que a Câmara vos indemnise das perdas que sofrestes!

A Tuna é igual ao Orfeão

Esteve um ano sem corpos gerentes a União Nacional. Ninguém sabe ao certo porquê. Mas é verdade, porque foi Salazar que o disse... Parece que a harmonia não é muito firme naquele singular organismo, por que doutra maneira não se compreendia tão demorada crise.

Afinal os novos corpos gerentes são compostos pela seguinte gente: o Carneiro, o Nobre, Gu-

Ajudemos os nossos presos! Desmascaremos o Fascismo! Salvemos Pavel!

Dentro em pouco, se a censura postal de Angra e do Tarrafal deixar receberem a noticia de mais um falecimento, de mais um punhado de portugueses atirados para aqueles degredos salazaristas.

A tuberculose lavra e ceifa em Angra. A tuberculose e o paludismo apoderam-se dos tão mártires do Tarrafal. Nem uns, nem outros têm assistência medica. Aqui não há um unico comprimido de quinino para os heróicos forçados, e todos estão atacados de febres. Os tuberculosos e os sífilicos, todos, enfim, não são tratados e não os dispensam de trabalhos violentissimos.

Na Bastilha da Ilha Terceira, não há medicamentos uteis para os degredados. Os outros são fornecidos em mau estado e, por vezes, chega a não haver garrafas para eles. Os medicamentos diários são dados aos doentes de 3 em 8 dias. Demoram, quasi sempre, um mês depois de serem receitados.

Os medicos de Angra e do Tarrafal aparecem raramente a consular os degredados. O primeiro, diz aos tuberculosos que nada tem ou que se abafem. O segundo, olhou para os heróicos operários do disse que eram fortes e não voltou. O malgrado moço operário do Arsenal, Rui Ricardo da Silva, foi tratado, em Angra, de albumina, morreu de tuberculose e com uma doença de coração. O enfermeiro de Angra e um soldado natural do Barreiro: a sua apreensão resume-se a um estagio de 5 dias num hospital, depois do dizagem resume-se a um estagio de 5 dias num hospital, depois do que, foi nomeado.

Apezar de tudo isto, os carcereiros agravam continuamente a horrivel tragédia dos degredados, provocando-lhes novas baixas.

Na caserna 2, estão 45 homens, onde mal cabem 30, que há muitos meses não saem da caserna. Esta é varrida com eles dentro e desde então, nunca mais foi lavada. Muitas destas vítimas têm doenças contagiosas. Nesta caserna, as camas estão quasi unidas, mal dando passagem aos seus habitantes.

Se a malvadez dos carcereiros atirou para uma atmosfera deontica 45 homens, também isolou em calabouços, que são conhecidos pelo nome de buracos, outros prisioneiros, em condições insupportáveis.

Aos primeiros, arranja-lhes a tuberculose. Aos segundos, prepara a loucura.

Estão nos «buracos» de Angra, João Alexandre, António Cruz, Cristiano, José Jacinto, Helder de Menezes, Sebastião Seabra, António Samudio, António Afonso, Joaquim Pires Jorge, o tipografo, do Porto, Francisco Soares, e outros.

O sargento reformado da Armada, Artur Alfredo Dias, vive num buraco há um ano, sofrendo toda uma série de insultos e ameaças, sobretudo da parte do furriel Aires. Lá esteve privado de papel, inclusivamente papel higienico, de tinta, de penas, de lápis, etc.. Durante um periodo grande não lhe davam a meia hora de passeio.

Os espancamentos não cessaram. São cada vez mais frequentes. O jovem José Maria da Silva, foi espancado e encarcerado, depois, no Calção de Angra.

A fome é uma das maiores torturas dos degredados. Impossível alimentarem-se com o rancho invariavel, escasso e porco. No Tarrafal, fornecem-lhes bacalhau com pão, dando um decilitro de azeite para 40 homens.

E para este ambiente de terror, de fome, de doenças e privações, onde a morte é já uma certeza, que se está preparando uma nova leva de degredados sem «condenação».

Podemos e devemos ajudar os portugueses dos degredos fascistas, angariando-lhes medicamentos indispensáveis, recorrendo à solidariedade popular para lhes obter dinheiro, roupas e alimentos.

Podemos e devemos defender aqueles heróis, divulgando por toda a parte os seus sofrimentos. Contai estes aos vossos amigos e aos portugueses do estrangeiro e das colónias.

Devemos, por todos os meios ao nosso alcance, obstar a novas deportações. Assim salvaremos a vida a mais um punhado de portugueses que Salazar condenou à morte.

Devemos lutar encarnadamente contra as longas incomunicabilidades e torturas aos presos.

Francisco Paula do Oliveira, o querido dirigente no nosso partido, encontra-se incomunicavel há quasi três meses. As torturas a que o têm sujeito puseram-lhe a vida em perigo. **É preciso salvá-lo!** Bem como a Alberto Araújo, Emidio Santana, Francisco Miguel e Helena Faria.

O DESEMPREGO

Toda a gente sabe a honestidade com que o fascismo faz estatísticas. Para o desemprego não conta os operários agricolas, com a justificação que o seu desemprego é periodico. Contudo a maioria desses trabalhadores passa, muitas vezes mais de 6 meses por ano sem trabalho. E para os operários industriais, também não contam os que estão 13 e 1 dias de trabalho por semana. Mesmo assim, as suas estatísticas são bem fluctuantes, e não põem o nome — nós já vimos exporador!

como eles são falsificados — pelo menos pelas porções. Numa estatística recentemente publicada, nós podemos ver qual é a situação em que se encontram os camaradas trabalhadores de Portugal.

Um numero dos desempregados, nos últimos 3 anos, é o seguinte: 2-235-34.711-42.315.

E a estes resultados que o Corta-cabeça tem levado o País! Trabalhadores: Lutemos contra o Estado Novo, assassino e

Um suicídio

Os diários do dia 6 noticiaram que o professor da Escola Industrial de Fonseca Benevides, Sr. José Isidoro Ferreira Lobo, morreu durante o desastre quando impava uma pistola.

Esses servidores do fascismo, não quiseram noticiar a verdade.

O professor Ferreira Lobo não morreu durante o desastre, mas suicidou-se. Era pai do estudante da Escola das Belas Artes, José Huertas Lobo, de que há mais dez meses se encontra preso na Fortaleza de Penicene sob a acusação de pertencer ao Bloco Académico Anti-Fascista.

O pobre Pai, foi levado àquele desespero, depois de ter sido enganado durante tantos meses pelo ministro da Justiça, que lhe prometia libertar o filho, por falta de provas.

Criminosa incúria

Um andaime abateu, arrastando à morte um jovem operário que nelle trabalhava e ferindo gravemente outro.

Isto succedeu há dias. Mas é andado.

A policia investiga, prende encarregado da obra, que umas vezes e condenado em reduzida pena, e outras absolvido, porque os senhores juizes pouco se importam com a vida dum operário, para poderem aquilatar da responsabilidade do encarregado, que gosta dos favores da lei, a qual omite a determinação exacta das suas responsabilidades.

Mas não é o castigo ao culpado o que mais nos interessa; importa-nos, sim, que se evite a repetição de tais desgraças.

O Estado ou a Câmara Municipal têm o dever de proceder constantemente a uma fiscalização rigorosa dos materiais empregados nas obras da construção civil, garantindo a segurança dos trabalhadores, cuja vida é sempre sacrificada a uma economia estúpida e criminosa.

CONSTA...

Que estava preparado um movimento revolucionário em Portugal, para ser iniciado no Norte, tendo à frente o monárquico Pava Couceiro.

A escolha deste caudillo, baseou-se no facto conhecido de estarem preparados ou numerosos manifestos de fingida autoria comunista, incitando o Povo à revolta. Com este estratagemia contava Salazar e a sua gente chamar às suas fileiras os timoratos do tão falado perigo bolchevista.

Diz-se, ainda, que havia um acordo secreto entre Salazar e Mussolini para que logo que reventasse em Portugal uma revolução de importância, o País seria invadido por tropas e aviação italianas que mais nos subjugariam ao fascismo e ao ultrage da intervenção estrangeira.

des, o Sebastião Ramires, o Manuel Rodrigues, etc. No Estado Novo abundam as competências, como se vê. Se sabem dizer duas, são acumulativamente ministros, dirigentes da União Nacional, da Legião e da Mocidade.

O País está com eles, mas só dá por isso, quando eles lho dizem...

Misérias da Assistência Pública

César de Melo, director do Asilo Nun'Alvares, é considerado na sua Direcção Geral, como funcionário modelo.

Como?
O «Nun'Alvares» dá superavul!
Como? Vejamos:

Os ordenados do pessoal auxiliar dos internatos da Assistência Pública não lhes dá direito a alimentos. Se o funcionario se sujeita a comer do «rancho» ou seja das batatas, arroz, feijão, etc., que compõem a comida das crianças internadas, e descontado no vencimento de cada empregado cerca de 275\$ por dia, para alimentação.

Há certos internatos onde os empregados preferiram receber o vencimento por inteiro e organizar cantinas, por sua conta, nos mesmos estabelecimentos, e comer, mediante pagamento estipulado, aquilo que querem.

César de Melo no «Nun'Alvares» tiraniza os empregados seus subordinados, e comete contra eles indignos abusos de autoridade.

Desconta-lhes, por mez, a cada um, mais de 200\$00 no vencimento para alimentos e obriga-os a comer do «rancho» quando esse rancho lhes deveria custar apenas 75\$00.

Com esses descontos apresenta, com o dinheiro dos modestissimos ordenados dos funcionarios, o citado superavul!

Mas não é tudo.

Há dias, por embriaguez contra determinada vigilante, mandou que apanhassem a janela do quarto onde essa mulher dorme, e como esse quarto fica por cima das coslinhas e se enche às vezes de fumo e cheiro de cosinhados, a pobre mulher é obrigada a dormir nesse ar viciado!

Os empregados não podem, durante o dia, ir ao seu quarto. Quando saem de manhã entregam a chave ao chaveiro que so lhe devolve à hora do recolher!

Há dias, regressou do Caramulo um empregado que ali estivera a tratar-se. César de Melo ordenou que o rapaz fizesse serviço num corredor em meio de correntes de ar!

Como se vê, por toda a parte e sob vários aspectos, os mais modestos trabalhadores são oprimidos!

Abaixo a ditadura que nos tiraniza!

A propósito do «Nun'Alvares», devemos acrescentar que o asilo vai acabar.

Já liquidaram a colonia marítima que esta instituição possuía em S. João do Estoril e os garotos do «Nun'Alvares», a medida que na Casa Pia se derem vagas ingressam neste estabelecimento.

A razão?
A economia!!
Salazar não se lhe dá economizar sobre o número sempre crescente de crianças infelizes, diminuindo-lhes o número de refúgios e aumentando o número de óbitos pela tuberculose que espreguia os mal tratados e os que têm fome!!

Salazar não se preocupa; não tem filhos e... recebe 10 contos por mez com que se dotou a si próprio!!

Rosa Maria

A DEMAGOGIA FASCISTA

Sobre a Reforma do Ensino Primário

O fascismo e a cultura são dois inimigos para cuja luta não há pacto nem armistício possível.

O fascismo é a forma mais refinada da opressão capitalista, da exploração sobre o trabalho (sobre a vida!) da grande, da melhor massa dos homens: ao passo que a cultura, a verdadeira cultura, é a melhor alavanca da libertação de todos os homens.

Esta irredutibilidade nem sempre o fascismo pode escondê-la suficientemente (destruição dos museus e obras de arte em Espanha, perseguição dos melhores cientistas da Alemanha e Austria, expulsão dos melhores professores em Portugal, etc., etc.) e se a esconde mostra-nos é então a sua triste concepção de cultura — uma mutilação do fundamental que conserva simplesmente, o que é favorável, necessário, ao próprio desenvolvimento capitalista. É assim que, o que pode haver de positivo no projecto de reforma do ensino primário, discutido agora na Assembleia Nacional, quasi se reduz à preocupação de ensinar a ler, escrever e contar (ensino primário elementar) e de aurescer a utilidade de factor homem do campo da economia capitalista (ensino primário complementar).

Se mais não fosse, a ideia basilar do projecto, de que «as necessidades da educação não podem ser satisfeitas à custa de outras necessidades publicas» — (as da preparação guerreira da Legião Portuguesa, as que o Ferro satisfaz, e cria, por intermédio do S. C. C. e. f. a. i., etc.) — seria obstáculo suficiente às restantes tentativas de resultados positivos. O parecer da Câmara Corporativa é o primeiro a afirmá-la, a denunciar (nos doces termos que sabe usar um Júlio Dantas) a demagogia que encerra uma importantíssima parte do projecto 23.º: «As Câmaras municipais, as quais é atribuída a maior parte dos encargos da rede escolar... não se encontram, em geral, financeiramente habilitadas a suportá-los, a não ser que o Estado lhes assegure novas receitas ordinárias e extraordinárias, o que prejudicam sensivelmente a solução proposta, pelo menos a execução a curto prazo que a base IV prevê». 26.º «O principio da gratuidade relativa ou condicionada, estabelecido na base X (gratuidade do ensino assegurada apenas a quem não possa pagá-lo), sendo inteiramente justo e conforme ao espirito senão à letra da Constituição, oferece na prática dificuldades dignas de exame, porquanto não só não é fácil extremar o campo dos pobres e dos menos pobres e estabelecer em termos legais o limite da pobreza para além do qual o pagamento da taxa ou propina é devido, mas ainda porque, cessando o regime de gratuidade absoluta, acentuar-se-á a preferência já hoje dada ao ensino particular, convertendo-se pouco a pouco a escola do Estado em escola de pobres, o que não é indiferente, sobretudo no ponto de vista do valor da taxa como receita compensadora dos encargos determinados pela execução da reforma...»

No que se refere ao ensino infantil (preescolar) e ao ensino de anormais os resultados não serão, simplesmente, nulos: são já negativos. De facto, fica oficialmente expresso que o Estado renuncia a tomá-los a seu cargo relegando-os às famílias e às instituições particulares.

No fundo, o projecto é um modelo da demagogia fascista. Antecedido por uma longa historia e critica das reformas anteriores onde se nota a preocupação de deixar no silêncio, condenando se é possível, as tentativas e as realizações de 1911 a 1927 e o quasi esquecimento do periodo de 1927 a 1937 — os gráficos indicativos não abrangem este periodo mas só o de 1870-1927, o projecto dá-nos, assim, uma aparência de seriedade. Mas, mesmo daqueles problemas de mais simples solução, os que a poderiam ter nos quadros da organização económico-social presente chocam com «outras necessidades do orçamento» e com a estreita visão dos inimigos da cultura.

Assim continuaremos a ter 480.000 crianças sem ensino infantil, 67,8% de analfabetos, 550.000 crianças (entre 750.000 em idade escolar) que não vão à escola, etc., etc.? Esperemos que não. Mas pensemos que é do nosso proprio esforço que isso dependerá.

Quando o fascismo nos diz: «Saber ler, escrever e contar é suficiente para a maior parte dos portugueses» (Carneiro Pacheco, Regulamento da Junta Nacional da Educação, Maio de 1935), ou então: «metade dos alunos das escolas de Lisboa é incapaz de aproveitar um ensino complementar» (citado por Júlio Dantas no «Diário das sessões da Assembleia Nacional») temos de responder: Não! A nossa experiência e a nossa cultura indicam-nos que ler, escrever, é tão pouco conhecimento como u... a faca e um garfo é um bom jantar» (citado por T. Adolfo Coelho, 1909); e nós queremos, sim, saber ler e saber escrever, mas para mais facilmente conhecermos o mundo em que vivemos, para vivermos nele mais alegremente — dominando o mundo fisico, compreendendo-nos, unindo-nos e tornando-nos melhores, no mundo social. A cultura não é aquilo que os senhores fascistas nos querem fazer crer que seja. A cultura fundamentada nesse conhecimento do mundo fisico e do mundo social, somos nós os que melhor podemos adquirir, nós os que trabalhamos os materiais do primeiro, os que constituímos a base do segundo — nunca os lacaios paladroses do fascismo nos «Altos Estudos» ou na «Assembleia Nacional». A cultura põe-se ao fascismo e é a grande alavanca para a nossa libertação. E diremos ainda, visto que a leitura e a escrita são tão preciosos instrumentos na aquisição dessa cultura: «... a libertação do povo português do fardo pesado do analfabetismo, que lhe tolhe os movimentos, é uma obra altamente progressiva. Pois bem, todos os que lutam pelos interesses do povo devem tomar iniciativas que possam contribuir para a extinção do analfabetismo»

CONTINUA NA 4.ª PAGINA

Comunistas! Anti-fascistas!

Na 4.ª semana de Novembro, o «Avante!» publicava o seguinte:

«O Partido Comunista, correspondendo a uma necessidade imperiosa da luta antifascista, não se poupa a esforços para levar a efeito a máxima agitação e propaganda e para organizar a luta contra o fascismo.

O «Avante!», que é o único semanário anti-fascista que se publica em Portugal e o unico jornal que se publica sem interrupção desde Junho de 1934, editado, o «AVANTE!», órgão dirigido de todos os trabalhadores, e o fructo brilhante dos esforços e dos sacrificios do Partido Comunista.

Mas o «AVANTE!» não pode viver apenas dos esforços e dos sacrificios do Partido Comunista.

O «Avante!» só pode viver se for mantido por todos os trabalhadores, por todos os anti-fascistas.

Nos últimos tempos, longe de ter aumentado, o auxilio dos trabalhadores ao «Avante!» e ao PC tem diminuído.

No mês de Outubro, o CC recebeu, apenas 20% da importância global do número de exemplares do «Avante!» vendidos. Isto é, 20% dos jornais distribuídos não foram pagos, ou, se o foram, a sua importância não chegou até nós!

Esta maneira, por mais sacrificios que os membros do Partido Comunista façam, por mais provações que passem os que fazem o jornal e os que o distribuem, é impossível manter a publicação semanal do «Avante!» e assegurar o seu aparelho de distribuição com os cuidados que a situação require.

Mas, não só o «Avante!» não poderá manter-se, como o Partido Comunista não poderá cumprir as tarefas que a luta contra o fascismo e contra a intervenção em Espanha exigem.

QUE FAZER?

Deixar de publicar o «Avante!» semanal?

Diminuir a actividade do Partido Comunista?

Deixar de ir, pelo país fora, organizar a luta?

Uma tal solução seria uma solução criminosa, indigna do povo anti-fascista de Portugal.

Reforçar o auxilio ao PC. Pagar integralmente todo o material editado pelo PC. Pôr em prática as mais variadas iniciativas para auxiliar o PC — eis a unica solução que se impõe!

Trabalhadores, explorados, vítimas da opressão fascista: a causa da defesa dos vossos interesses, a causa da vossa libertação, a causa que garante o futuro dos vossos filhos, a causa de auxilio ao glorioso povo espanhol que se bate pela liberdade de todos os povos e pela Paz, exigem que não vos poupeis a esforços, para ajudar o Partido Comunista.

Ajudai o «Avante!»

Ajudai o Partido Comunista.

Criai grupos de amigos do PC»

Infelizmente a situação não se modificou.

Que fazer? perguntamos como há quatro meses.

Esperamos uma resposta concreta e precisa de todos os anti-fascistas, de todos os revolucionários, que não pode ser outra senão a do pagamento integral do «AVANTE!».

Portugueses fusilados na Espanha fascista

Verifica-se cada vez mais nitidamente o processo da transformação do nosso país numa simples província da Espanha fascista. Os traidores que se apoderaram do poder político em Portugal fazem todo o possível para darem realidade a este novo Anschluss que os mapas do estado maior fascista da península prematuramente reproduzem.

Nos começos da revolta franquista foram entregues à mistura com os refugiados espanhóis bastantes portugueses, para que fossem fusilados em conjunto.

Hoje em dia os fascistas espanhóis fuzilam os portugueses que entendem, com plena aprovação do governo vassallo salazarista, visto que nem um simples protesto foi enviado para inglês ver, ao chamado governo de Burgos, acerca do fuzilamento na zona fronteiriça, nos princípios do mês passado, dos pacíficos trabalhadores José Azedo, seus filhos Henrique e José, naturais de Almodovar e do contrabandista Carlos, da mina de S. Domingos.

O governo vassallo de Salazar, como não podia aplicar legalmente no seu território a pena de morte, recorre a um governo estrangeiro para fuzilar os seus nacionais e manter em prisão patriotas como o sr. Paiva Couceiro.

Certamente que quando o povo português se levantar em péso para derrubar os renegados que Salazar capitaneia, este Seiss Inquart de trazer por casa, não hesitará em seguir as pisadas do seu miserável emulo austríaco, chamando as tropas italo-germano-marroquinas que devastam e massacram o país vizinho, para esmagarem definitivamente este povo tão cioso da sua liberdade e da sua independência nacional.

PORTUGUESES, PATRIOTAS E DEMOCRATAS, SEM DISTINÇÃO DE TENDENCIAS! ESTES FACTOS CONCRETOS OBRIGAM-NOSA APRESAR A NOSSA UNIFICACAO POLITICA, PARA SALVAGUARDARMOS, ENQUANTO E TEMPO, A INDEPENDENCIA DA NOSSA QUERIDA PATRIA!

Continuado da 3.ª página e apelar as iniciativas que visem esse objectivo. Não deixar nem um minuto de desmascarar os objectivos do fascismo, nem deixar de exigir as medidas que o Estado deve pôr em prática, mas contribuir com todas as suas forças para libertar o povo da ignorância em que vive, tais devem ser as tarefas de todos os verdadeiros amigos do povo português!» («Avante» n.º 6)

A educação da "Mocidade"

Começa a dar frutos a educação guerrilheira dos jovens da Mocidade Portuguesa. O exemplo dos seus irmãos mais velhos, os legionários, começa a ser seguido.

Na semana passada, um desses jovens, aluno do Liceu Canões, teve uma zaragata com um colega. Como não levasse a melhor, à hora do almoço, na cantina do Liceu, roubou uma faca. Encontrando depois o outro, dirigiu-se-lhe e vibrou-lhe uma série de facadas. Pais e encarregados de educação: vigiai os vossos filhos, esfor-

SEMANA INTERNACIONAL

Mussolini, que tem seguido uma política de traição à Itália com a criação e reforçamento do eixo Berlim-Roma, viu já o perigo que ele encerra e quiz *distrair* a opinião pública italiana, que cada vez se divorcia mais do fascismo, fazendo o discurso demagógico do dia 30, em que ameaça o mundo de sossobrar debaixo da muralha dos seus aviões. A ameaça é directamente dirigida à França e às nações pacifistas, mas o discurso tem a sua origem na anexação da Áustria pela Alemanha.

A Alemanha tem sido, através de séculos, um dos inimigos mais claros da Itália. Ambicionando ter uma saída para o Mediterrâneo, só através da Itália o conseguiria. A nação austríaca, era, de certa maneira, a defesa natural da Itália, que mantinha afastada a Alemanha. As fronteiras comuns, criadas agora, põem a Itália em perigo.

Foi isto que sempre viram os patriotas italianos, e o próprio Mussolini o afirmou várias vezes, como mostrámos no último número do nosso jornal.

As farroncas mussolinicas, do dia 30, em vez de socegarem os patriotas italianos, mais os assustaram.

Na Inglaterra, cresce a luta do povo inglês contra a política de Chamberlain que, apesar de todas as manifestações, comícios, artigos da imprensa convidando-o a retirar-se, continua à frente dos destinos ingleses, fazendo uma política de guerra, com a aproximação com a Itália.

Para lhe demonstrar quanto a sua política era contrária à vontade do povo, a «Liga pró Sociedade das Nações» resolveu fazer uma espécie de plebiscito em dois círculos eleitorais, que nas eleições passadas votaram por grande maioria no partido conservador, partido que agüenta Chamberlain no poder.

O resultado desse plebiscito, em que se perguntava aos eleitores se concordavam com a política do seu governo, foi por uma maioria esmagadora—quasi unanimidade—um **NÃO**.

Se esse Democrata o fosse de facto, há muito tempo que teria abandonado as cadeiras do poder.

Na França, as direitas coligadas fazem uma barreira de obstrução à política de paz, de defesa da França, do seu governo de Frente Popular. As *duzentas famílias*, servindo os interesses de Hitler, fecham os olhos ao perigo da guerra que se avizinha, apesar dos avisos feitos pelos seus cabos de guerra, os generais que veem no avanço do fascismo o perigo para a independência nacional da França.

Na China, o exercito nacional continua na sua brilhante ofensiva, reconquistando vastos territórios às tropas invasoras.

Ao mesmo tempo, a China reorganiza-se, desenvolve a instrução, abrindo imensas escolas, dá liberdades políticas ao povo, reconhece a existência, dando vida legal aos vários partidos, e o Kumi-tang—o partido do governo—resolve voltar à política justa e à boa linha nacional que lhe tinha dado o libertador da China, o seu primeiro presidente, Sun-Yat-Sen.

Chantage ignóbil e derrotista

Acossado por dificuldades de política interna cada vez mais presentes, Salazar ideou a projectada comemoração da independência de Portugal a que noutra lugar nos referimos e ordenou aos escribas mercenários da imprensa diária, que ampliassem uma diversão de carácter externo de tal modo que esta absorvesse a atenção do povo português para fora do âmbito das nossas fronteiras.

O tema escolhido foi o avanço das forças italianas, marroquinas, portuguesas e alemãs na frente de Aragão e todos os dias, em letras enormes, são relatadas espantosas vitórias da coligação fascista internacional que, com a ajuda de alguns traidores espanhóis intenta dividir entre si as riquezas naturais e apoderarem-se das posições estratégicas da Espanha mártir.

Segundo os dizeres dos mencionados escribas, os republicanos fogem desordenadamente e entregam-se em grande número, para que as «tropas libertadoras» os «libertem» das preocupações desta vida, por meio dos habituais fuzilamentos de massas...

Ora já há mais de duas semanas que eles nos relatam encontrarem-se os exercitos da nova Santa Aliança, a 40 quilómetros do mar e hoje —o dia, depois de «constantes vitórias» verifica-se que os republicanos ainda se não submergiram no Mediterrâneo, aguentam-se galhardamente e no sector de Guadalajara e outros têm até avançado!

Ao contrário do que os escribas a sôlido do fascismo propalam, o povo espanhol em armas tem oposto uma resistência sobrehumana às tropas mercenárias e ao potente armamento da coligação fascista internacional e tem dizimado rudemente as suas fileiras.

Apesar da chegada constante de soldados e material de guerra estrangeiro à parte da Espanha ocupada, o valoroso povo irmão mantém-se—infelizmente quasi só com as próprias forças—e acabará por dizimar as hordas sanguinárias da reacção internacional.

Perdem o seu tempo aqueles que ao serviço do estrangeiro se esforçam em demonstrar à força dum verborreia falsa e fantasista que, quando o polvo fascista lança os seus tentáculos sobre um povo independente, a este só lhe resta submeter-se ao exemplo da Áustria, pois de contrário será exterminado como o povo da Etiópia.

O povo espanhol tem demonstrado e o povo português no momento oportuno demonstrará a falsidade deste dogma derrotista que o eixo Roma-Berlim e os seus salazarentos satélites pretendem impôr ao mundo civilizado.

Manifesto do Comité Trabalhista de auxílio à Espanha

«O Comité Trabalhista de auxílio à Espanha convida o movimento Trabalhista de todo o país a redobrar os seus esforços de auxílio ao Governo Espanhol, em circunstâncias críticas presentemente.

Não se deve evitar nenhum esforço a-fim-de dar o máximo de urgência ao acabar da tragédia da chamada não-intervenção e fazer com que o Governo Espanhol obtenha as armas de que tanto necessita.

Ainda neste momento tardio uma mudança de política do governo nacional em virtude da qual os rebeldes são livremente fornecidos pelas potências fascistas com armas de toda a espécie, enquanto o governo legítimo é privado praticamente de assistência exterior—mudaria imediatamente a sorte da guerra.

O Governo Nacional continua conivente na interferência de Hitler e Mussolini, recusando-se a abandonar a farsa da não-intervenção e não permitir ao governo espanhol arranjar as armas precisas para a protecção do seu povo.

Enquanto Mussolini ostenta a sua conquista da Espanha perante o mundo no seu discurso de Roma, o Governo Nacional continua a negociar com ele e não protesta contra o seu envio de homens e munições para Espanha.

O Governo Nacional, pela sua conivência na destruição da Espanha democrática por Hitler e Mussolini, tem-se degradado suficientemente para poder representar o povo britânico ou falar em seu nome.

Que o movimento trabalhista mostre claramente, em toda a extensão do país, por meio de demonstrações e todos os outros meios de pressão política, que o povo não tolerará mais tempo que o Governo Nacional se conserve no poder, completando por esse meio a destruição do governo livre de Espanha.

Se a democracia fosse esmagada pelo fascismo em Espanha, as liberdades dos povos francês e britânico ficariam gravemente ameaçadas e a causa da Liberdade receberia um golpe irreparável.

O governo espanhol precisa de ter armas para a sua defesa. O povo britânico precisa de forçar o abandono da política de não-intervenção para proteger a Espanha e a França e proteger a Inglaterra.

Por isso fazemos um apêlo ao povo britânico para que se reúna à direcção do movimento trabalhista a-fim-de forçar o Governo Nacional a demitir-se.

Isso pode e deve fazer-se para que a Espanha e a Europa possam salvar-se do fascismo e da destruição.»

Chamamos-vos em casa por neutralizar a educação que o Estado Novo lhes ministra.

Lutai contra o fascismo, para salvar os nossos filhos!